



O Peixeiro

Rio Grande, 7 de julho de 2009



**“A música é
minha vida”**



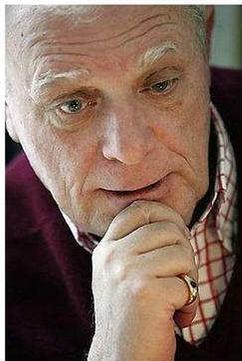
Em rápida turnê no Brasil, a pianista rio-grandina Alessandra Schmidt Féris apresentou-se na Ebahl, emocionando, mais uma vez, a platéia

ARTES & LIVROS

POR:
ROSANE LEIRIA ÁVILA

LITERATURA-PARATY:

"Não imaginava essa recepção aqui", disse português António Lobo Antunes



"Meus livros exigem bastante do leitor"

seu tempo significa que não se pode ter a unanimidade. Quando há a unanimidade, você começa a se perguntar: "o que eu fiz mal [errado]?"

Mas a doença deixou marcas. "Tive muita sorte. O câncer tira a sua eternidade. Minha mãe, por exemplo, vive em função da eternidade de um ano. Quando Maria Antonieta pediu ao carrasco, no cadafalso, mais um minuto, para ela um minuto era eterno. Quando você tem 20 anos, vive uma eternidade de 50 anos. Essas eternidades, seja de um minuto, cinco anos ou 50 anos, todas têm a mesma duração. Com a doença, você fica privado da eternidade, esse é o sentimento mais estranho. E depois tem a volta. Será que eu vou voltar a escrever?"

Lobo Antunes tinha o ar cansado, falava baixo. Disse que é muito cansativo escrever seus livros. No início, escrevia meia hora e já ficava cansado. "Hoje escrevo três horas e fico exausto." Ele escreve todos os seus livros à mão. "Olha aqui", mostrando o calo no dedo.

"Meu Nome É Legião" é um painel da juventude marginalizada de Portugal, mergulhada na violência. Quem narra é um policial, amargurado, mas também há as vozes dos jovens. "São jovens que vieram de antigas colônias. Não pertencem a uma África que perderam nem a um Portugal que não ganharam. Há a miséria. Essas crianças não têm referência nenhuma. São completamente desenraizadas. Apesar da violência, acho que por trás daquilo há um grande desejo de amor, de ser entendido."

O autor comentou o fato de seus livros terem tantas vozes. "Os críticos discutem muito essa polifonia nos meus livros. Mas acho que são todas a mesma pessoa, há uma só voz".

"Não me interessa fazer obras naturalistas ou contar histórias. Meus livros exigem bastante do leitor. A única coisa que me interessa é o trabalho com as palavras. A intriga não interessa nada." Seu próximo livro, "Que Cavalos São Aqueles Que Fazem Sombra no Mar?", já está pronto há um ano e será lançado em outubro em Portugal. No Brasil, a Objetiva/Alfagura estuda lançar ainda neste ano. (Por Marcos Strecker / Folhapress)



Lobo Antunes venceu o Prêmio Camões em 2007 e o Prêmio Juan Rulfo em 2008

António Lobo Antunes, 66, ficou surpreso com a recepção que teve no Brasil, na 7ª Festa Literária Internacional de Paraty, ocorrida de 1 a 5 de julho. "Não imaginava. Na Europa, no México, na Colômbia, Argentina... mas aqui não sabia. As pessoas foram muito calorosas, generosas, foi muito comvente".

Há 26 anos Lobo Antunes não vinha ao Brasil. Suas obras são pouco conhecidas aqui e durante anos nem foram editadas no país. Mas não é só isso. "Tenho uma relação íntima muito complicada com o Brasil. A família Lobo veio para cá no século 17. E a família Antunes, no 18. Dai meu avô voltou para Portugal. Os seus livros, herdados do pai dele, eram brasileiros. Foram os livros da minha infância. Autores como Machado de Assis. Me lembro de ter lido na adolescência "Casa de Pensão", de Aluísio Azevedo, fiquei impressionado com as cenas eróticas. Para mim foi uma surpresa muito grande".

Atualmente, além da projeção no Brasil, Lobo Antunes vive uma fase de reconhecimento. Venceu o Prêmio Camões em 2007 e o Prêmio Juan Rulfo em 2008. Recentemente, ganhou perfil elogioso no "New York Times".

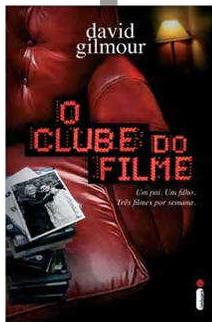
Essa fase se seguiu a um período difícil. Teve um câncer diagnosticado em 2007 e precisou ser operado pelo amigo Henrique Bicha Castelo, a quem dedica "O Meu Nome É Legião", seu último livro lançado aqui. Está recuperado, mas a experiência foi fundamental.

"Recebi muitas cartas. Descobri que as pessoas tinham uma fé em mim que eu não compartilhei. Nunca imaginei tudo o que aconteceu depois. Todos esses prêmios. Isso coloca outro tipo de problema. Sentir que se faz alguma coisa à frente do

lançamentos

O Clube do Filme

Eram tempos difíceis para David Gilmour: sem trabalho fixo, com o dinheiro curto e o filme de 15 anos colecionando reprovações em todas as matérias do Ensino Médio. Diante da desorientação e da infelicidade desse filho-problema, o pai faz uma oferta fora dos padrões: o garoto poderia sair da escola e ficar sem trabalhar e sem pagar aluguel - desde que assistisse semanalmente a três filmes escolhidos pelo pai. Com essa aposta diferente na recuperação e na formação de um rapaz que está "perdido", formaram o clube do filme. Semana a semana, lado a lado, pai e filho viam e discutiam o melhor (e, ocasionalmente, o pior) do cinema: de "A Doce Vida" (o clássico de Federico Fellini) a "Instinto Selvagem" (o thriller sensível estrelado por Sharon Stone). David Gilmour, crítico de cinema e escritor premiado, oferece uma percepção singular sobre filmes, roteiros, diretores e atores inesquecíveis ao relatar essa vivência com olho clínico e muita sinceridade. Com 240 páginas, o livro é um lançamento da Editora Intrínseca.



Os Segredos da Capela Sistina

Em "Os Segredos da Capela Sistina", Benjamin Blech e Roy Dolner defendem a tese de que Michelangelo teria inscrito em seus afrescos mensagens que permaneceram por mais de cinco séculos ocultas. Os autores revelam pela primeira vez como Michelangelo teria conseguido promover secretamente os seus próprios ideais - especialmente os ligados ao humanismo, ao neoplatonismo e à tolerância universal - sem que a Igreja Católica percebesse. Explicam ainda como o gênio florentino pintou o maior afresco do mundo católico sem usar ao menos uma única figura cristã.

No Período Renascentista, era comum artistas incorporarem camadas múltiplas de significado em suas obras, já que em tempos de intolerância e perseguição religiosa eles não usavam expressar abertamente aquilo em que acreditavam. Neste livro, os autores revelam como Michelangelo, com suas intenções ocultas, escapou da censura papal sobre seu trabalho e conseguiu realizar este ato corajoso. Um lançamento da Editora Objetiva.



Por que você não quer mais ir à Igreja?

Depois de toda uma vida dedicando-se à Igreja e ao caminho que sempre lhe pareceu o certo, Jake Colson está diante de uma dolorosa dúvida: é possível ser cristão há tanto tempo e, ainda assim, se sentir tão vazio?

Mas o amor divino está sempre a postos para transformar vidas. Observando uma multidão numa praça, Jake depara com João, um homem que fala de Jesus como se o tivesse conhecido e que percebe a realidade de uma forma que desafia a visão tradicional de religião. Com a ajuda do novo amigo, Jake irá reavaliar os conceitos e crenças que norteavam seu caminho. A cada nova palavra de João, assistiríamos ao renascimento de Jake em busca da verdadeira alegria e da liberdade que Cristo veio ao mundo oferecer. Na reconstrução da sua vida, perceberemos a ação do Deus de perdão e amor. Dos Wayne Jacobsen e Dave Coleman, o livro é um lançamento da Editora Sextante.



MÚSICA

Festival de Inverno em Porto Alegre

Atrações culturais de alto nível a preços acessíveis



Jair Rodrigues é a grande estrela do Festival

De 26 de julho a 3 de agosto, seis teatros de Porto Alegre abrem suas portas para o 4º Festival de Porto Alegre. Como nas edições anteriores, paralelamente, ocorrerão mostras especiais de cinema e cursos.

O calendário foi divulgado na última quinta, pelo secretário de Cultura da capital, Sergius Gonzaga. Entre os artistas confirmados estão Jair Rodrigues, Edu Martins, o quarteto Boca Livre e a banda uruguaia No Te Ver Gustar. Ao todo, serão 18 shows com bandas e solistas, nos cursos com especialistas de grandes universidades, e um ciclo de cinema.

Além de manter uma política de preços acessíveis, a programação acentua outra vez seu toque platino. Os destaques ficam por conta dos shows das bandas gatachas com entrada franca e/ou preços acessíveis. Confira a agenda:

27/7 - 21h - Nenhum de Nós - Teatro Do Bourbon Country - Ingresso: R\$ 20
 28/7 - 19h - Sombrero Luminoso - Teatro De Câmara - Ingresso: Gratuito
 29/7 - 19h - Da Guedes - Teatro De Câmara - Ingresso: Gratuito
 30/7 - 19h - Richard Serraia & Bataclá FC - Ingresso: Gratuito
 30/7 - 21h - Delicatessen - Teatro do CIEE - Ingresso: R\$ 20
 01/8 - 19h - Pública - Teatro De Câmara - Ingresso: Gratuito
 02/8 - 20h - Nei Lisboa - Teatro do CIEE - Ingresso: R\$ 20

Destaque

O show de Jair Rodrigues será no dia da abertura, 26, às 20h, no Teatro do Bourbon Country, com ingressos a R\$ 20. Aos 70 anos, o cantor tem 50 de carreira e recentemente lançou um novo CD, "Festa para um Rei Negro", onde relembra sucessos de sua trajetória artística.

A banda Nenhum de Nós interpretará no dia 27, às 21h, no Teatro Bourbon Country, os sucessos dos garotos de Liverpool que se tornaram a banda de maior de maior influência do século XX: The Beatles. O projeto "Nenhum Toxa Beatles" é inédito nos 23 anos de carreira do grupo.

Sem patrocínio, premiação tem recorde de inscritos

Milton Nascimento, Zeca Pagodinho, Lenine e Chico César foram os principais vencedores do Prêmio da Música Brasileira, entregue no último dia 2, no Canecão, no Rio de Janeiro.

Os quatro músicos venceram em duas categorias cada um (melhor cantor e melhor disco): Milton em MPB; Zeca Pagodinho em samba; Lenine em pop-rock e Chico César em música regional.

Na 22ª edição, o prêmio que, segundo seu organizador, o empresário José Maurício Machline, "independe de modismo ou vendagem", não teve patrocínio, embora tenha tido recorde de candidatos inscritos. A apresentadora Fernanda Montenegro e os artistas convidados para cantar aceitaram trabalhar sem receber cachê.

Entre as entregas dos troféus, músicos subiram ao palco para homenagear Clara Nunes (1943-1983), interpretando algumas das canções conhecidas na voz dela, como "O Mar Sereno" e "Alvorecer".

Maria Bethânia, vencedora na categoria projeto especial por seu trabalho com a cantora cubana Omara Portuondo, cantou "Conto de Areia" - mas não gostou. Disse que sua homenagem não foi "bonita" por causa de "problemas sonoros".

"O som estava abafado, não estava bonito. Mas nada demais. Frescura de cantora", disse ela, que entrou no palco com a letra da música nas mãos e a apoiou num pedestal para ler enquanto cantava. "Ih... Eu sempre leio [a letra da música]. Se não é do meu repertório, eu leio", explicou.

Zeca Pagodinho, que também levou prêmio de melhor canção com "Uma Prova de Amor", saiu de sua mesa, no meio da plateia, para cantar na homenagem à Clara Nunes. "Alguém me ajuda a descer daqui?", pediu, ao final da música.

Além dele, outras duas artistas foram aplaudidas de pé pela plateia: a tocadora de pífano do Pernambuco Zabé da Loca, vencedora na categoria revelação, e a carioca Áurea Martins, prêmio de melhor cantora de música popular brasileira.

Zabé, nascida em 1924, lançou seu primeiro disco em 2003 e fez o segundo, intitulado "Bom Tempo", em 2008. Áurea, carioca que canta desde os anos 60, também gravou seu primeiro álbum em 2003. (Por Audrey Furlaneto / Folhapress)

PRÊMIO DA MÚSICA BRASILEIRA

Os vencedores nas principais categorias

POP/ROCK

Melhor disco "Labiata", Lenine

Melhor cantor Lenine

Melhor cantora Paula Toller

Melhor grupo Bangalafumanga



MPB

Melhor disco "Novas bossas", de Milton Nascimento e Jobim Trio

Melhor cantor Milton Nascimento

Melhor cantora Áurea Martins

Melhor grupo Pedro Luís e a Parede



SAMBA

Melhor disco "Uma prova de amor", Zeca Pagodinho

Melhor cantor Zeca Pagodinho

Melhor cantora Leci Brandão

Melhor grupo Fundo de quintal



REGIONAL

Melhor disco Francisco ferrô e frevo, Chico César

Melhor cantor Chico César

Melhor cantora Renata Rosa

Melhor grupo Fim de feira

Melhor dupla Chitãozinho & Xororó



POPULAR

Melhor disco Confete e serpentina, Maria Alcina

Melhor cantor Zé Renato

Melhor cantora Maria Alcina

Melhor grupo Doces Cariocas

Melhor dupla Zezé di Camargo & Luciano



CANÇÃO

"Uma prova de amor" (de Nelson Rufino e Toninho Geraes), Zeca Pagodinho

REVELAÇÃO

Zabé da Loca

FONTE | <http://www.premiodemusica.com.br/>

© GRAFFO

Carioca radicada em BH, Aline Calixto é da nova geração do samba

Representante da nova geração do samba, a cantora Aline Calixto lança, com as bênçãos de mestres como Monarco e Nelson Sargento, seu primeiro CD, que é homônimo. O repertório de inéditas inclui "Retrato da Desilusão", sucesso na voz de Jorge Aragão.

Com 28 anos, a carioca conseguiu um contrato para gravar o álbum depois de vencer um concurso em 2007, mas desde a época da faculdade - cursou geografia, em Viçosa, Minas Gerais -, arriscava-se na música. "Lá não havia uma cena musical de samba. Em 2000, comecei a cantar, mas era algo amador. Só me profissionalizei em 2007, quando fui para Belo Horizonte", explica.

Identificada com as músicas de Paulinho da Viola, Dorival Caymmi e Cartola,

Aline apresenta um disco com 12 faixas. A produção é de Leandro Sapucahy, e os arranjos, de Jota Moraes. No repertório, nomes como Arlindo Cruz e Rogê, na música "O Teu Amor Sou Eu", "Cara de Jiló", "O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro" e "Vocé ou Eu" são frutos de parceria da cantora. O carro-chefe é "Tudo que Sou".

Sobre o samba feito no Rio e em Minas Gerais, Aline tem opinião firme: "Para mim, samba é samba. O meu tem influência das harmonias mineiras, que são mais rebuscadas", conclui.



ALESSANDRA FÉRIS:

Ela dá vida à música

Por Bruno Zanini Kairalla
Fotos: Bruno Kairalla/Divulgação



Numa rápida turnê ao Brasil, Alessandra retornou ao primeiro lugar de aprendizagem, a Escola de Belas Artes Heitor de Lemos (Ebahl), apresentando um repertório refinado

“**A** música é minha vida. Ela é parte de mim”.

Assim respondeu a doutora em música da Universidade da Flórida, a rio-grandina Alessandra Schmidt Férís, sobre o significado e a força da música em sua vida.

Ela, que na última sexta-feira, 3, numa rápida turnê ao Brasil, retornou ao primeiro lugar de aprendizagem, a Escola de Belas Artes Heitor de Lemos (Ebahl), para uma apresentação beneficente de um Recital de Piano. A promoção do evento con-

tou com o apoio do Grupo de Mãos Dadas, entidade que será contemplada pela renda adquirida no espetáculo.

Aplaudida calorosamente pelo público que compareceu e lotou o auditório Ewerton de Medeiros da Ebahl, Alessandra agradeceu a presença de todos, que segundo ela, mesmo numa noite fria, optou escutar uma boa música. Em 1h20min de apresentação, ela mostrou porque é considerada no cenário americano uma das melhores pianistas contemporâneas da atualidade. Há mais de 12 anos estudando e aperfeiçoando as suas técnicas fora do país, a pianista com sotaque americano conversou com todos antes de executar a

primeira de três peças de consagrados compositores, sendo eles, Claude Debussy (1862-1918), Zoltán Kodály (1882-1967) e Franz Schubert (1797-1828).

Turnê

Alessandra chegou ao país há cerca de duas semanas. Desde que chegou, a professora está ministrando masterclasses e apresentando seus recitais nas universidades federais de Santa Maria (UFSM), Pelotas (UFPel), Rio Grande do Sul (UFRGS) e, mais recente, na Escola de Belas Artes (Ebahl) em Rio Grande.

Rápida entrevista

Há pouco mais de dois anos, Alessandra foi tema de capa do caderno Mulher Interativa, numa reportagem realizada pela editora, Rosane Leiria Avila. Numa rápida entrevista concedida por e-mail, a pianista comentou que fora o título de “Doctor Of Music” pela Florida State University, e a mudança de cidade, da Flórida para o Mississippi, sua vida segue normalmente.

Há dois anos, Alessandra declarou que além de se dedicar cinco horas diárias ao



Da vida no exterior, Alessandra destaca como pontos positivos o fato de ter conhecido muitas pessoas e com elas também ter aprendido e adquirido valores de várias culturas

estudo da música, procurava seguir uma rotina normal. Na época, entre as atividades de lazer estavam: ler, assistir filmes e dançar (balé, salsa e tango). E que também praticava Yoga, corria periodicamente e também praticava musculação. Dois anos depois, a pianista diz que mantém a mesma rotina de lazer. "Dou aula das 9h até as 17h. Além disso, estudo mais quatro horas de piano todos os dias", complementa a professora.

Admiradora de Chico Buarque e Caetano Veloso, a pianista também dedica parte de seu tempo ao namorado americano. Da vida no exterior, Alessandra destaca como pontos positivos o fato de ter conhecido muitas pessoas do mundo todo e com elas também ter aprendido e adquirido valores de várias culturas. Sempre uma "aprendiz", Alessandra, modestamente, salienta que em seus planos futuros está o de seguir aperfeiçoando suas técnicas, tocar e, também, ensinar. Antes de entrar em cena, a pianista diz que é preciso muita concentração, mas, também, uma boa alimentação, muitas horas de sono, relaxamento e uma intensa preparação.

E para quem acredita ter um dom, mas não tem recursos para estudar fora do país, qual o melhor caminho a seguir? Ela responde: "Eu sempre tive bolsas de estudo em todos os lugares que estudei! Falta de recursos não é problema. Além disso, hoje em dia, o Brasil tem excelentes universidades de música", finaliza ela.

A TRAJETÓRIA

Natural da cidade do Rio Grande, Alessandra Schmidt Feris, iniciou aos oito os estudos de piano na Escola de Belas Artes Heitor de Lemos (Ebahl), com as professoras Suélma Figueiredo e Anna Maria Seifriz. A paixão pela música foi transmitida a Alessandra através do gosto da mãe pelo piano e, na família dela, a avó também gostava de música, manifes-

tando o seu conhecimento através do acordeão. "Acho que aprendi a gostar de piano quando sentia as vibrações ainda no útero de minha mãe, nos momentos em que ela tocava", brinca a rio-grandina.

Em 1988, aos 16 anos, estreou publicamente como pianista, na própria Ebahl. Neste mesmo ano venceu o concurso musical "Cidade de Bage", iniciando uma

carreira promissora, reconhecida pelos prêmios de honra nos prestigiados concursos "Guiomar de Novaes" (em 1992) e "Cidade de Araçatuba", no ano seguinte, ambos em São Paulo.

Aos 23 anos, Alessandra concluiu em 1995 o bacharelado em música piano na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo nos renomados Hubertus Hofmann e Dirce Knijnik, os seus mestres. O grande salto formativo foi dado com a passagem pela conceituada Escola Superior de Música "Franz Liszt", de Weimar, República Federal da Alemanha. De 1997 a 2000, a Europa foi a nova pátria da Alessandra. Intensos estudos e concertos na Alemanha e na Hungria, em especial, a execução completa do Cravo Bem Temperado em 2000, em Weimar, culminaram a trajetória artístico-musical deste período. Mas a música não pode parar...

Das muitas perspectivas que se abriram, a Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, foi a próxima escolha. Pouco mais de dois anos (2001 a 2003) resultaram num mestrado acadêmico em piano. Dai para ingressar na Universidade do Estado da Flórida (em 2003) foi apenas um passo. No ano passado, Alessandra recebeu por esta universidade o título de "Doctor of Music". Sua tese "Schumann's Gesänge der Frühe, Op. 133

from a Schenkerian Perspective", dirigida pelo Prof. Dr. Michael Buchler, será publicada neste mês de julho. Também em 2008, foi contemplada com o prêmio Outstanding Teaching Assistant Award pelo seu trabalho de professora assistente nesta instituição.

Alessandra se apresenta frequentemente como solista e camerista nos EUA e Alemanha, assim como tem participado de bancas de concursos de piano nos estados do Mississippi, Alabama, Louisiana e Flórida. Destacada intérprete de música contemporânea, estreou inúmeras obras nos EUA, incluindo a "Sonata sobre um tema de Bartok" do compositor Marlos Nobre.

Desde agosto de 2008, é professora titular do Mississippi Gulf Coast Community College (MGCC) em Gautier, Mississippi. Tem sido convidada para recitais e masterclasses em diversas e importantes universidades, como: University of Southern Mississippi, James Madison University (Virginia), University of Southern Alabama e Universidad de Costa Rica (San Jose, Costa Rica).

No mesmo auditório onde tocou pela primeira vez, Alessandra reapresentou-se na última sexta-feira – 21 anos após, com outro repertório, mas com a mesma disposição de partilha musical. O recital, com um repertório refinado, próprio de quem alçou ao mundo da Luz musical e retorna para agora difundir-la.



Alessandra com a diretora da Ebahl, Beatriz Batezati, e a representante do grupo Mãos Dadas, Conceição Mansur



Alessandra foi aplaudida calorosamente pelo público que compareceu e lotou o auditório Ewerton de Medeiros da Ebahl



A GRIPE BATE À PORTA

Epidemia e pandemia são temas polêmicos e inesgotáveis. Historicamente foi assim. Entre o medo, o pânico, as providências competentes, a indiferença e a descrença é difícil chegar a uma posição de consenso ou equilíbrio. O saber médico, a orientação política oficial e o saber popular, nem sempre caminham na melhor direção para que uma doença provoque poucos efeitos numa comunidade.

Como pesquisador do tema epidemias, em especial da Gripe Espanhola (1918), passei a respeitar o papel devastador provocado por uma epidemia viral ou por outros micro-organismos. Nestas pesquisas, foi possível verificar as dificuldades em conciliar os diferentes interesses políticos, econômicos e da população quando da ocorrência de uma epidemia. De concreto, fiz algumas constatações ao realizar estas pesquisas: o vírus da gripe anualmente se modifica (constitui uma nova cepa) e volta a atacar sendo uma questão de anos ou décadas a espera de uma nova manifestação de caráter pandêmico; a única certeza de poucos danos que provocará está relacionada a sua baixa virulência (restrita capacidade de infectar pessoas) e baixa letalidade (o índice de morte entre os infectados ser pequeno). Ou seja, estaríamos mais na mão do próprio vírus do que de nossa capacidade de resistência e de respostas médico-farmacológicas. Frente à atuação de uma cepa de vírus podemos estar diante de algo insignificante (como diriam os descrentes da pandemia de gripe) ou um problema de grandes dimensões. O maior dilema em uma epidemia é não ter a certeza de que comportamento o vírus terá!

A gripe AHINI está aí, inclusive o vírus já tem seu rosto exposto até na internet. Em 1918, não se sabia ao certo o que realmente atacava as pessoas e não se dispunha de medicamentos para combater infecções decorrentes do processo gripal como infecções respiratórias. Se pegamos os dados do dia 29 de junho (clickrbs.com.br) temos registrados no planeta mais de 60.000 casos com 263 mortes constatando ainda uma baixa virulência e uma baixa letalidade em termos gerais (0,44%). Porém, se pegamos os dados da Argentina com 1.587 casos e 26 mortes teremos uma letalidade de 1,63%. A população de Buenos Aires é de mais de 10 milhões de pessoas. Na gripe de 1918, 75% da população de São Paulo contraiu a gripe (mostrando grande virulência) e 50% da população da cidade do Rio Grande ficou gripada. Se



FOTO ARQUIVO

O vírus da gripe anualmente se modifica (constitui uma nova cepa) e volta a atacar, e uma nova manifestação de caráter pandêmico é somente uma questão de anos ou décadas

50% da população de Buenos Aires ficassem doentes estaríamos tratando de 81.500 mortos. A insignificante epidemia perderia o seu caráter benigno e promoveria a hecatombe nos serviços públicos ou privados prestados nesta cidade. Ou seja, a letalidade atual na Argentina não é baixa e sim a virulência que é baixa.

Estamos diante de um vírus demográfico que pode infectar países ricos e pobres (já está presente em 113 países), porém, a estrutura de atendimento médico-hospitalar e de medicamentos anti-virais parece fazer a diferença mostrando que a morte não é assim tão democrática! Que interessante que os casos nos Estados Unidos (0,45%), Inglaterra (0,02%) e Canadá (0,28%) tiveram uma baixa letalidade! Mas que cenário poderia se esperar se este vírus chegasse aos campos de refugiados na África?

Os grandes perigos de uma epidemia são o descrédito ou o medo. Desacertado faz parte de uma estratégia secular assim contextualizada pelo dr. Augusto Duprat e outros médicos no início do século 20 quando parte da classe médica da cidade do Rio Grande procurava alertar as autoridades sobre a presença da peste bubônica: "Influências comerciais, políticas e sociais, as mais das vezes unem-se estreitamente contra o primeiro anúncio de peste em uma cidade. A peste ainda não deixou de ser terrificante para o geral da população, no seio das quais provoca uma confusão, um desânimo, um pavor mal definido, por isso a sua presença é sem-

pre cegamente contestada. Ignora-se que esquece-se que a peste não se deixa influenciar pelos políticos e que uma vez presente no seio de uma coletividade, não há negativa que lhe detenha o curso (W.Y. Simpson)". Saliente-se que esta discussão já era travada a cem anos atrás!

Já o medo pode ser um fator de desestabilização emocional e social a ser controlado. Porém, devemos levar em consideração que o medo também é um processo que reflete a insegurança advinda muitas vezes da sensação de abandono da população. Se a maioria dos serviços de atendimento médico-hospitalar no Brasil, estou excluindo as ilhas de competência do saber médico que ficam restritas a poucos usuários em certas cidades, transmitissem segurança no atendimento a população parte deste medo estaria diluído. Esta é uma preocupação essencial que traz o desejo de que o sistema de saúde não tenha que ser testado: se numa situação de normalidade o atendimento se dá no limite da precariedade, no caso do atendimento de milhares de pessoas, o que se poderia esperar do sistema de saúde? Perguntemos um exemplo recente de declarações de um infectologista de Porto Alegre, o qual classificou o comportamento da população como "histeria coletiva" sendo necessário desfazer o "estado de calamidade". (Zero Hora, 29-06-2009). No mesmo jornal o responsável pelo atendimento de um hospital de Porto Alegre lamentava que "as pessoas que correm a este estabelecimento, acreditando esta-

rem com o vírus, havia aumentado 10 vezes frente ao normal, sendo que a metade delas não precisaria de atendimento"! Mas, a quem a população vai buscar auxílio para constatar da necessidade ou não de tratamento? É o peso da competência do saber médico que infelizmente não recebe recursos suficientes para não sobrecarregar a própria comunidade hospitalar que já trabalha no limite.

A epidemia já está no Rio Grande do Sul com 81 casos e uma morte (até 29-06-2009), e como fazemos fronteira com a Argentina podemos nos tornar um centro de referência no Brasil para observar o comportamento do vírus. Chegemos a Rio Grande! O olhar de medo e apreensão da população (assim como ocorreu na epidemia de cólera, de peste bubônica e outras) estava no porto do Rio Grande. Era de navio que as pestes chegavam desembarcando na cidade e dali a todo o Rio Grande do Sul. Desta vez, o vírus já está no Rio Grande do Sul chegando de avião das áreas infectadas da Argentina, Chile ou outras procedências. Tendo uma porta aberta na ampla fronteira com a Argentina e o Uruguai podendo circular pelas rodovias cobrindo quase todo o território rio-grandense. Hoje devemos olhar especialmente para as estradas, pois somente pela BR-116, são mais de 5.000 veículos por dia transitando em direção a cidade.

Finalizando os questionamentos, quero afirmar que iniciativas no sentido de buscar evitar a proliferação do vírus são fundamentais. As pessoas que tomarem cuidados em proteger-se (como usar máscara e lavar as mãos com frequência) estarão contribuindo para a não difusão do vírus tendo uma importância talvez muito maior do que se imagina para a não proliferação. Afinal, quanto mais pessoas infectadas maior a chance de outras também contarem. Não vamos esquecer que o medo sadrio é um mecanismo cerebral para nos defendermos dos perigos. Em excesso atrapalha nossa racionalidade e de baixa nossas defesas. Cabe ao poder público e a todos envolvidos no sistema de saúde transmitir a segurança de que as pessoas não estarão desapareladas numa situação limite. Como também é fundamental o atendimento ambulatorial dos casos suspeitos e o atendimento hospitalar dos casos mais graves sendo disponibilizado espaço adequado e contando com todo arsenal medicamentoso (anti-virais e antibióticos etc). A pergunta essencial neste momento é: *estamos preparados em Rio Grande para enfrentar um quadro epidêmico severo?*

bandalarga
condomínio

A melhor solução em banda larga.



Ligue 0800.701.1888
e assine.

Promoção de Instalação
com 50% de desconto.

vetorial.net



Academia Rio-Grandina de Letras

Ano IV - Página nº 194 - Fundada em 14/03/1981 - Dia Nacional da Poesia

ROBOTIZAÇÃO

Havia sangue no asfalto
e o sol queimava... queimava...
Ali, na beira da estrada,
muitos ferros retorcidos
pela violência do impacto,
pela potência da máquina,
pela imprudência dos homens.
E, em cima do asfalto, o sangue
de vários corpos sem vida,
entre eles uma criança...
E no painel destruído,
uma plaqueta, um retrato
e a frase: "papai, não corra".

Os viajantes paravam
por curiosidade, apenas,
de quem assiste o espetáculo.
Um automóvel passava em alta velocidade,
pela estrada, como um bólido,
carregando a indiferença
de outra futura vítima
do mundo mecanizado.
O homem robotizado,
que o modernismo criou,
põe toda culpa na máquina
que ele um dia inventou.

E ficou no asfalto o sangue
das vítimas inocentes.
E o sol queimando... queimando...
os automóveis passando...
Os homens enlouquecidos
não param para pensar.
Ali na frente uma placa
com outras advertências
que o homem alienado
não lê, nem dá importância.
E o homem robotizado
que continua correndo...
que vai matando... morrendo.



Aderyl Corrêa
Cadeira nº 4
Patrono:
Antenor de Oliveira Monteiro

PEDIDO AO PADROEIRO

O rio era muito grande
pensavam os primeiros
a chegarem aqui
e o núcleo de pioneiros
habitando esta terra
de Rio Grande a chamaram.
Pesou a religiosidade
que também trouxeram,
legando a este chão
o Santo nome de Pedro.

Evoluiu o povoado e se tornou
Vila de São Pedro do Rio Grande.
Nosso Estado se formou
e o mesmo nome tomou.
Hoje, se dificulta a naturalidade
ser explicada aos sairmos daqui.
Quando se diz por este Brasil
sou da cidade do Rio Grande,
vem a pergunta: É da Capital?

Como pode, meu São Pedro,
na evolução, a antiga Vila
ou teu Santo Nome ter perdido?
Por isso! Oh Santo Padroeiro,
se não for lhe pedir muito
à nossa maneira, sem rodeio,
ilumine a quem de direito
para podermos achar um jeito
de mudarmos nos registros,
rapidamente, o nome desta terra
para semelhante ao que era.

Suponho, não precisa, intervenção
de uma pléiade de ministros,
para chamarmos com propriedade
nossa bela e querida cidade
de São Pedro do Rio Grande.



Marcos Costa Filho
Cadeira nº 31
Patrono:
Manoel José da Silva Bastos
marpoeta.papareia@terra.com.br

O LIVRO DOS DIAS

Todos os dias são de leitura;
Leitura de mundo e de vida.
Todos os dias são santos; ainda que
Os santos não vivam mais entre e em nós.
Todos os dias são de amor e paz,
Ainda que a amada esteja vitrificada,
Na janela de uma igreja em ruínas,
Prisioneira de um tempo mortal...

No livro dos dias, todos os dias
Escrevo um pouco de mim,
Planto uma árvore no jardim,
Rego um filho para levar adiante
O caminho em linha que hoje tenho em andar...

No livro dos dias estão descritos
Todos os caminhos entre o céu, a terra e o ar...
Nos entrelinhas do texto, no contexto das palavras,
No mar celestial e o céu oceânico são apenas
E tão-somente duas formas de descrever
O mesmo mundo e o seu mirar...

No livro dos dias estão inscritas
Todas as dúvidas e certezas que temos e teremos
Durante toda a vida e mais seis meses...

A vida é um grande livro aberto
A ser descoberto pelo próprio autor.
Nem sempre o narrador e a personagem são os mesmos.
Nem toda escrita é autobiográfica
Nem toda autobiografia é a essência do real...

O que importa é viver, ler e escrever
Em si mesmo o que o mundo e o tempo
Teimam em nos mostrar...
Entre as histórias de gente grande
E o imprevisível jogo do Eu
Pode haver uma grande metáfora infeliz...
Fala-se mais de nós mesmos nas reticências
Do que nas demais pontuações...

No livro dos dias podem existir
Vidas não-vividas, vidas reinventadas.
Nem todo poeta é profeta,
Mas a vida só é possível de ser imaginada,
Se antes de escrita é vivida como um livro sem final...

José Antonio Klaes Roig
Cadeira nº 6
Patrono:
Antônio Gomes de Freitas



DELÍRIO

Ouçum um acorde suave, divinal,
de um caramujo à beira-mar
soando para mim em lá bemol.
São sereias misteriosas a cantar.
Formam duo de contralto e soprano
e em harmonia de fundo musical,
a voz grave de um barítono.
É Netuno como convidado especial.
Faz a tríade de um canto madrigal.
Embevecido, nem vi o tempo passar,
nunca parei para pensar,
que um dia, eu pudesse escutar,
em uma concha à beira-mar,
uma sublimação do meu sentido.
Mas, quem sabe é verdadeiro!
Não serão vozes da natureza
a cantarem aos náufragos
novas inspirações matinais?



Wilson Rosa da Fonseca
Cadeira nº 2
Patrono: Alexandre José de Seixas
Fernandes

A POESIA

A poesia não nasce,
ela se precipita sobre o poeta
do lugar onde sempre esteve,
voando com os anjos
e por vezes flutuando como colibri
a admirar o néctar da flor
para depois sugá-lo levemente, docemente,
mas com a sofreguidão de quem quer
viver o amanhã no ontem.
A poesia é salto no abismo,
é queda d'água,
é o silêncio,
é a flor, é a flor...
É um ponto na imensidão,
é o sol, é a luz
é o choro, é o riso,
é o amor, é o amor

**Sérgio Luis
Ávila Puccinelli**
Cadeira nº 20
Patrono:
Ermani Guaragnã Fornari



Galeria dos Correspondentes

SILÊNCIO NA GALERIA

Hoje, esta galeria sente o silêncio,
mesmo das palavras escritas. Nos ca-
lamos para um preto de despedida.
Não teremos mais novos textos de nossa Membro Cor-
respondente **Gessilda Porto Alegre Falcão**. Recentemente
ela transferiu-se para um plano superior. Conviveu conosco,
não só à distância, residindo em Santos, SP, mas em
várias reuniões e encontros, em nossa cidade, inclusive,
lançando livros na Feira do Livro da Furg. Sensibilizada com
sua partida, a Academia Rio-Grandina de Letras faz, neste
espaço, registro de seu profundo sentimento de perda.



CINEMA

CINEMA 3D – salas brasileiras preparam-se para o novo sistema

FOTOS: ANIMAÇÃO



Produzido pela Walt Disney, o filme animado UP - Altas Aventuras foi o escolhido para abrir o Festival de Cannes este ano, na França

Até o final deste mês de julho, as salas de projeção 3D devem aumentar em torno de 75%, numa clara demonstração do objetivo: tirar o usuário de TV LCD e home theater de casa. Os cinemas 3D são a maior aposta da indústria cinematográfica para atrair o público de volta às salas de cinema.

Desde a época do surgimento do videocassete, atrair espectadores para as salas de projeção tem sido um desafio para a indústria. Se há duas décadas isso já não era tarefa fácil, imagine hoje em dia com o avanço e a popularização da tecnologia de equipamentos como home theatres, tevês LCD e Plasma, reprodutores de DVD e mais recentemente, de Blu-Ray. Não bastasse tudo isso, ainda aliou-se à essa tecnologia toda o crescimento do acesso em banda larga — na qual redes de torrent permitem que usuários baixem filmes em alta definição, mesmo ilegalmente, que ainda nem chegaram às salas de cinema.

Para convencer os espectadores a deixarem suas equipadas salas de estar e irem ao cinema, pagando mais caro pelo ingresso, a indústria aposta na oferta desta nova experiência que se baseia na sensação de realismo. Qualidade essa somente possível porque o filme foi feito para dar a ilusão de três dimensões.

Somente em 2009, cerca de 30 filmes 3D estão previstos para ser lançados no mundo — um número três vezes maior do



Em 3D, telespectador tem a sensação de estar no meio da história

que no ano passado.

Em meados dos anos 50 os estúdios já experimentaram o D3, que não vingou por deixar muita gente com náusea ou tontura. Pequenos acertos contornaram esses problemas, mas ainda é necessário usar

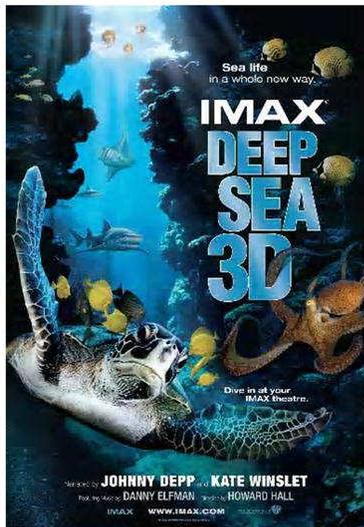
tros do nariz do espectador. Mas no resto da exibição, o filme transcorre de maneira usual, dando tempo para que o pessoal se refaça.

Com essa tecnologia nas salas de cinema, os estúdios acreditam ter nas mãos uma forma de entretenimento nova e insubstituível. Até o momento em que as TVs comecem a reproduzir a ilusão 3D nos home theaters domésticos.

Efeito 3D

Para se ver as imagens em três dimensões na tela é necessário usar óculos especial fornecido pelo cinema. Para ativar o efeito 3D, são utilizados dois projetores. Os óculos separam as imagens, ficando uma em cada lente e o cérebro humano faz o processo de juntá-las novamente. O formato da sala em arquibancada ajuda na visão de vários pontos do ambiente.

Em São Paulo, a Imax inaugurou em janeiro último, sua primeira sala 3D, no Espaço Unibanco de Cinema Pompéia, no Bourbon Shopping. O espaço oferece 327 poltronas e sete lugares para pessoas com deficiência, com ingressos entre R\$ 20 e



A rede Cinemark, nos Shoppings Bourbon, estão investindo em salas especiais

óculos especiais dentro das salas, embora desta vez eles estejam mais confortáveis. Outro diferencial é a moderação: nos filmes em cartaz o recurso 3D é utilizado apenas nas cenas de maior impacto, nas quais a ação parece acontecer a milíme-

RS30. A estreia foi com o filme "Fundo do Mar 3D", dirigido pelo oceanógrafo Howard Hall. A Imax foi fundada em 1967 e possui mais de 300 salas em 40 países. Mais da metade das salas possui a tecnologia 3D.